CAMINHA
(Arga de Baixo)

Arga de Baixo foi uma freguesia do concelho de Caminha, distrito de Viana do Castelo. Extinta em 2013 foi agregada com Arga de Cima e Arga de São João, formando uma nova freguesia denominada União das Freguesias de Arga (Baixo, Cima e São João). O mosteiro de São João de Arga dista cerca de 18 km da sede de concelho. Sair de Caminha pela estrada N301 e percorrer cerca de 5,5 km, virar à direita e depois tomar a estrada A28 direção Viana do Castelo. Seguir nesta estrada cerca de 4 km e sair na saída 28 para a estrada M552 direção Arga de São João. Percorrer a estrada M552 cerca de 7,5 km e depois manter-se à esquerda até chegar ao mosteiro de São João.

A primeira referência a esta freguesia remonta ao século XVI, incluindo-a no julgado de Caminha e no termo do mosteiro de São João. O enquadramento do mosteiro de São João de Arga é totalmente isolado, rodeado de algum arvoredo e encostas nuas. Encontra-se sobranceiro à ribeira de São João no contraforte norte da serra de Arga. No terreiro, alguns sobreiros de grande porte transmitem sombra a dois coretos de granito. Em frente ao portão encontra-se um cruzeiro e, à margem do caminho velho que conduzia ao santuário, localiza-se outro.

Mosteiro de São João

O MOSTEIRO de *Sancto Johanne de Arga* aparece referido numa transação de bens de 1122, que diz respeito à venda de um casal no couto do referido mosteiro.

Uma epígrafe citada por Fr. Leão de São Tomás, e da qual se desconhece o paradeiro, foi analisada por Mário Barroca, o qual lhe atribui a data interrogada de 1123 (era de 1161). Segundo este historiador, poderia ler-se



Perspetiva geral da igreja e paisagem envolvente

TC2XI(?)

Em virtude de o portal ocidental, onde estaria gravada a inscrição, ter sido demolido no século XIX, não é possível verificar a leitura do cronista beneditino.

Em 1220, o mosteiro de Arga encontrava-se sob a jurisdição do bispado de Tui e é declarado como sendo do padroado real. Nas Inquirições Gerais do Reino ordenadas por D. Afonso III, em 1258, D. Julião, abade do mosteiro de São João de Arga, e outros inquiridos declaravam que o rei era o patrono e que pagavam anualmente ao rei, por São Miguel, uma fogaça de 15 dinheiros. O mosteiro não era couto e lavravam pelos montes de Arga que pertenciam ao rei.

Em 1320, segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, o mosteiro de São João de Arga fora taxado em 100 libras, na contribuição obrigatória para a Cruzada. No contexto das terras do arcediagado de Cerveira, o mosteiro de São Félix das Frestas fora taxado com a contribuição mais elevada, 1 100 libras. As igrejas taxadas com os valores mais elevados foram Santiago de Pias (350 libras) e Santa Olália de Vilar de Mouros (200 libras). Os valores mais baixos eram pagos pelas igrejas de São Salvador de Resende e São Miguel de Rabadel, ambas em 10 libras, e São Cipião do Pinheiro, em 18 libras.

Em 1482, o mosteiro ainda tinha monges, mas, em meados do século XVI, João de Barros constatava que o mosteiro já não tinha religiosos, conservando-se apenas a igreja afeta ao culto. Desde 1533, entra em regime de comendatários e, apesar de permanecer anexado ao padroado régio, o direito de apresentação estava reservado aos marqueses de Vila Real. Em 1574, o mosteiro continuava pertença do padroado real.

Um silhar com uma cruz patada foi reaproveitado na edificação de um dos coretos do terreiro.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, acudia à igreja de São João, "que antes era mattriz", grande número de fiéis, tanto na romaria da festa do nascimento do padroeiro, a 24 de junho, como na romaria da festa do seu martírio, a 29 de agosto.

O mosteiro de São João de Arga conserva ainda hoje o seu caráter de isolamento, o que contribuiu para a preservação das suas estruturas monásticas. É na igreja que persistem os vestígios da época românica. Contudo, ela surge ainda edificada no centro de um terreiro e em torno do qual ainda vemos os edifícios que cumpriram a função de hospedaria. Estes formam uma planta em L, definindo o contorno do recinto do mosteiro em três dos seus lados. Os corpos maiores edificam-se a norte e a sul da igreja e os



Perspetiva geral da igreja. Alçado sul



Alçado sul. Cachorros

menores enquadram o portão da entrada do terreiro. Ainda hoje estas hospedarias acolhem romeiros e escuteiros.

A igreja surge, portanto, isolada no adro. As suas reduzidas dimensões mostram bem que foi edificada para acolher uma pequena comunidade. Compõe-se a igreja de nave única, cabeceira retangular e a sul desta ergue-se pequena sacristia retangular, ambas alinhadas ao nível da parede testeira. A cabeceira é mais estreita que a nave, mas foi edificada à mesma altura que esta, o que nos confirma estarmos diante de uma reconstrução feita durante a época moderna por forma a poder acolher a máquina retabular da abside. A diferenciação do aparelho entre os dois corpos é evidente, especialmente ao nível do alçado sul, já que a norte o corpo da sacristia dificulta esta leitura. A nave foi edificada com aparelho pseudo-isódomo bem esquadriado e os seus silhares apresentam uma dimensão maior que aqueles que dão corpo à cabeceira, mais irregulares e de menores dimensões. A nave constitui o corpo mais antigo da edificação e aquele que persiste da época românica, apesar de muito tardio. Contudo identificamos em ambos os alçados uma cicatriz vertical confirmando que o primeiro terço da nave foi acrescentado na época moderna, seguramente quando se edificou a nova fachada, já se sabor classicizante. Além da diferença ao nível do aparelho, aqui mais irregular, este primeiro terço da nave não tem cachorros em nenhum dos alçados.

É, portanto, em parte do corpo da nave que vemos aquilo que resta da fábrica românica. Os alçados norte e sul são idênticos. Em ambos persistem cachorros muito tardios. Maioritariamente lisos e de secção quadrangular, sustentam uma cornija muito estreita. Aqui e ali identificamos cachorros de feitura mais antiga, formados por focinhos de animais ou por rostos humanos. Os portais laterais são também tardios, confirmando a cronologia da edificação desta igreja. Idênticos entre si, rasgam-se na espessura do próprio muro sendo, contudo, o portal norte mais profundo que o sul, alinhando-se mais com o próprio alçado. Em ambos, duas arquivoltas ligeiramente quebradas, assentes sobre imposta de ressalto, envolvem um tímpano liso. Além disso, o tímpano é sustentado por mísulas isentas de decoração que se apoiam, tal como as arquivoltas, nos pés direitos do muro.

A fachada oeste, rebocada, é coeva da ampliação da nave realizada durante a época moderna. Os vãos têm molduras classicizantes em granito que contrastam com o reboco branco do paramento.

O interior da igreja conserva ainda vestígios de caiado branco que ocultava o paramento de ambos os lados da nave. Podemos ver, devido ao seu desgaste, a esquadria dos silhares, particularmente em torno dos portais laterais e na área correspondente ao corpo edificado na época românica. O primeiro terço da nave, ou seja, na área correspondente ao acrescento da época moderna, as paredes estão caiadas de branco. No interior da igreja, os portais repetem o esquema do exterior. O arco triunfal é, pela sua configuração, o elemento que mais convoca a fábrica românica no interior da igreja. Bastante fechado, torna a abside mais intimista, apesar desta acolher no seu interior um retábulo da época moderna. A parede testeira da nave está também ela oculta por grande estrutura retabular que em parte cobre o arco triunfal. Deste vêem-se apenas as aduelas lisas do arco e a extremidade da imposta, lisa. No intradorso,



Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental

ou seja, a partir da abside, vemos que o mesmo é composto por dupla arquivolta assente sobre o pé direito do muro.

Segundo Fr. Leão de São Tomás, o mosteiro de São João de Arga teria sido fundado por São Frutuoso em 661. A primeira referência concreta ao cenóbio data de 1122, altura em que estaria já sujeito à regra beneditina. A atual igreja de São João data do século XIII e foi profundamente transformada na época moderna, que não só lhe transformou a cabeceira como também ampliou a nave e lhe edificou nova fachada oeste.

O ambiente telúrico que envolve o mosteiro de São João de Arga e o facto de preservar estas estruturas ativas, faz do mosteiro um exemplo que nos permite compreender bem as dinâmicas e as vivências que estes pequenos eremitérios, edificados na época medieval e profundamente ativos na época moderna, foram tendo. Atualmente, a capela de São João ainda serve de santuário onde os crentes se deslocam em romaria muito concorrida pelas populações de Caminha, Viana do Castelo e Ponte de Lima. Duas vezes no ano, mas sobretudo a 28 de agosto, realiza-se aqui uma das mais curiosas e facetadas romarias do Norte de Portugal, convidando romeiros da região que aqui se juntam em cerimónias religiosas profundamente sentidas e em práticas lúdicas intensamente vividas.

Além disso, Carlos Alberto Ferreira de Almeida recorda-nos que pelo seu isolamento, devido às crenças a que se encontra associada e por causa da sua radical ligação ao usufruto de pastos e dos matos da serra da Arga, é um "monumento pletórico de significações humanas".

O mosteiro de São João de Arga foi classificado Monumento Nacional em 2013.

Texto: MLB/JL - Fotos: MLB

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 13; ALMEIDA, C.A.F., 1987a, pp. 154-155; ALMEIDA, F., 1971, IV, pp. 113-114; ALVES, L., DIAS, M., 1984, pp. 19 e 21; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 59 (de 1123?); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 70 (de 1123?); BARROS, J., 2019, pp. 213, 215 e 323; BOISSELLIER, S., 2012, pp. 90 e 161; GEPB, 1935-60, III, p. 184; MEM. PAROQ. 1758 (2005), pp. 112-116; PMH, INQ., p. 354 (de 1258); SIPA; SOUSA, B.V., 2016, p. 78.